

COMO ENSINAR O QUE É FONTE HISTÓRICA? UMA PROPOSTA DE SISTEMATIZAÇÃO COMO APOIO AO PROFESSOR



HOW TO TEACH WHAT A HISTORICAL SOURCE IS? A PROPOSAL FOR SYSTEMATIZATION TO SUPPORT TEACHERS

BEATRIZ ALVES REIS

Graduação em História pela Universidade Federal de São Paulo (2022); Mestre em História pela Universidade Federal de São Paulo (2025); Professora de Ensino Fundamental II – História – na EMEF Prof. Antônio de Sampaio Dória.

RESUMO

Este artigo aborda a utilização didática das fontes históricas em sala de aula, fundamentando-se na ampliação do conceito de fonte promovida pela Escola dos Annales, especialmente a partir das contribuições de Jacques Le Goff e sua *História do Imaginário* (1985). O trabalho propõe uma classificação sistemática das fontes históricas em quatro categorias principais — escritas, visuais, materiais e orais — com subdivisões que visam facilitar a transposição pedagógica e o trabalho do professor em sala de aula. Conclui-se que a sistematização das fontes históricas em categorias e subcategorias, aliada a um instrumento de análise estruturado, contribui significativamente para o desenvolvimento do pensamento histórico crítico dos discentes, permitindo-lhes estabelecer diálogos entre passado e presente e compreender a multiplicidade de vestígios que compõem a história humana.

Palavras-chave: fontes históricas; sequência didática; sistematização; ficha de análise.

ABSTRACT

This article addresses the didactic use of historical sources in the classroom, drawing upon the expanded concept of sources championed by the Annales School—particularly through the contributions of Jacques Le Goff and his *History of the Imaginary* (1985). The study proposes a systematic classification of historical sources into four main categories—written, visual, material, and oral—with subdivisions designed to facilitate pedagogical transposition and the teacher's work in the classroom. It concludes that systematizing historical sources into categories and subcategories, combined with a structured analysis

tool, significantly contributes to the development of students' critical historical thinking, enabling them to establish a dialogue between past and present and to understand the multiplicity of traces that constitute human history.

Keywords: historical sources; didactic sequence; systematization; analysis worksheet.

INTRODUÇÃO

O uso de fontes históricas em sala de aula tem se tornado, recentemente, uma ferramenta indispensável para o professor de História. A importância de levar um pedaço do passado para que os alunos possam vê-lo e dialogar sobre ele constitui um passo relevante no processo de alfabetização histórica (SILVA, 2012). Embora esse conceito seja comumente associado ao ensino infantil, pode ser estendido aos demais ciclos, uma vez que o trabalho cotidiano dos professores envolve ensinar o aluno a compreender seu lugar na História e a desenvolver um olhar crítico sobre o passado.

A inserção do aluno no estudo da História por meio de fontes auxilia o professor a superar um dos principais desafios da disciplina: o distanciamento temporal. A dificuldade de imaginar o passado ou de observá-lo, com um olhar atual e muitas vezes superficial, como algo imóvel e intangível, é um dos aspectos mais abstratos do ensino histórico. Nesse sentido, o uso de fontes atua como uma ponte entre o estudante e o passado, além de favorecer a reflexão sobre o que se vê e estimular o aluno a se reconhecer também como sujeito histórico.

Este artigo tem como objetivo refletir sobre uma sequência didática que possibilite adequar o uso das fontes históricas aos temas das aulas, considerando os diferentes tipos (escrita, oral, visual e material) e suas respectivas adaptações. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017) enfatiza a importância de se trabalhar com fontes históricas de modo que o objeto se torne um exercício efetivo para o aluno.

A História, portanto, é fundamental para a formação de conceitos importantes, como o reconhecimento de novas culturas, o exercício da cidadania e a discussão sobre o significado do passado para os dias atuais. A proposta de construção de uma “ficha documental” visa criar um espaço de apoio ao professor, permitindo-lhe utilizar a fonte histórica de maneira orientada com os alunos, considerando os tipos documentais, suas singularidades e a relação com o conteúdo estudado.

A autora Circe Bittencourt (2018) propôs um possível processo de análise histórica documental, que parte da descrição do documento para, em seguida, chegar ao exercício gradativo da crítica documental. Com base nesse processo, pretende-se desenvolver um complemento que oriente o uso das fontes em sala de aula.

DESENVOLVIMENTO

No trabalho do historiador as fontes históricas, também denominadas de documentos históricos, registro ou vestígios, são fundamentais para realização da investigação do passado. Segundo Silva e Silva (2009, p. 158), “tudo produzido pela humanidade no tempo e no espaço”, pode ser considerado uma fonte histórica, pois qualquer vestígio deixado pelos antepassados, seja material ou imaterial, serve como base para a reconstrução do passado e, conseqüentemente, para a produção do conhecimento histórico (idem).

Dessa forma, ao se falar sobre fontes históricas, é necessário ter em mente que não se trata apenas das fontes escritas, mas sim de diversos tipos documentais, conforme o conceito ampliado pela Escola dos Annales. Jacques Le Goff, integrante da terceira geração dessa corrente historiográfica, revolucionou os estudos históricos com a *História do Imaginário* (1985):

Essas imagens não se restringem às que se configuram na produção iconográfica e artística: englobam também o universo das imagens mentais. E se é verdade não haver pensamento sem imagem, tampouco deveremos deixar-nos afogar no oceano de um psiquismo sem limites. As imagens que interessam ao historiador são imagens coletivas, amassadas pelas vicissitudes da história, e que se formam, modificam-se, transformam-se. Expressam-se em palavras e em temas (LE GOFF, 1994).

Nessa passagem, Le Goff destaca a importância de se explorar novas fontes, pois elas revelam aspectos que vão além dos documentos escritos, conferindo relevância às fontes visuais no processo histórico. O prefácio de *Imaginário Medieval* (1985) e outros textos do autor elevam diferentes tipologias documentais ao patamar de importância histórica — algo que, antes da Escola dos Annales, não era bem-visto, pois apenas a fonte escrita gozava de credibilidade entre os historiadores da época.

Refletindo a partir da máxima atribuída a Le Goff de que “tudo é fonte histórica”, como os professores de História devem utilizá-las em sala de aula, considerando que até mesmo o próprio espaço escolar constitui uma fonte histórica? De maneira simples, procurando trazer as fontes e os diálogos que elas estabelecem entre passado e presente para os alunos.

Para tanto, primeiramente é necessário classificar as fontes históricas em seus tipos. Neste artigo, trabalharemos com divisões e algumas subdivisões de cada tipologia documental, percebendo suas semelhanças e diferenças.

Começaremos com a fonte mais clássica para os historiadores: as fontes escritas. Elas são todo documento, oficial ou não oficial, que contenha palavras. Porém, dentro dessa categoria existem diferenças marcantes entre si. A forma de análise de uma carta é distinta da análise de um livro de literatura, cabendo ao educador abordar a especificidade de cada uma. A partir disso, propõe-se pensar em subcategorias para essas fontes em sala de aula, realizando uma transposição pedagógica de forma mais simplificada. Pensemos assim:

Fonte escrita com concretude

- Documentos oficiais (ofícios, leis etc.)

- Revistas
- Jornais
- Cartas
- Diários

Fonte escrita lúdica

- Literatura
- Poemas
- Letras musicais

É importante que o docente reforce qual o subtipo de fonte escrita está sendo trabalhado em sala de aula, distinguindo aquelas que buscam "relatar a realidade" das fontes mais lúdicas, pois ambas exigem abordagens analíticas diferentes.

Quanto às fontes visuais, sua classificação pode ser feita em duas vertentes: as estáticas e as não estáticas, ambas relacionadas à forma como a imagem se apresenta ao nosso olhar. Por exemplo:

Fonte visual estática

- Fotos
- Pinturas
- Grafite

Fonte visual não estática

- Filmes
- Séries
- Documentários

Um aspecto comum a ambas as categorias é sua intenção em retratar a realidade ou o que é lírico. Esse tópico se destaca pela complexidade das análises fotográficas, que podem parecer mais abstratas aos discentes.

As fontes materiais também soam abstratas para os alunos, principalmente porque o olhar contemporâneo para analisar o passado exige maior treinamento. Para descomplicar esse possível embaraço, propõe-se uma divisão baseada no porte:

Fonte material de maior porte

- Prédios
- Estátuas de rua
- Casas

Fonte material de menor porte

- Objetos cotidianos
- Móveis
- Automóveis

Essa divisão propõe que o aluno compreenda que essas fontes são todos os vestígios físicos e objetos deixados pelo homem ao longo da história, conferindo valor de testemunho material também a prédios e outras construções de grande porte.

O último tipo de fonte, a oral, é a mais próxima dos discentes, uma vez que histórias, relatos e contos de seus familiares já estão, comumente, presentes em seu cotidiano. O importante para o docente ao trabalhar com essa fonte é aprender a orientar o aluno, esclarecendo que uma entrevista, principalmente a historiográfica, busca informações específicas, seja sobre a infância, um período da vida ou memórias de como a cidade era antigamente. Tal fonte constitui uma exceção à regra, pois demanda planejamento prévio de entrevista caso seja realizada pelos próprios alunos.

Fonte oral

- Relatos
- Entrevistas
- Contos orais
- Lendas/fábulas

METODOLOGIA

A metodologia deste artigo fundamenta-se em Circe Bittencourt (2018) e Vivian Fernandes Carvalho de Almeida (2015), autoras que discorrem sobre o uso didático de documentos em sala de aula. Bittencourt, em seu texto, aborda a importância e a atenção que o professor deve dedicar a alguns pontos, sendo eles: o tempo de aula, a transposição didática e a necessidade dos procedimentos pedagógicos — ou seja, o ensino do que é uma fonte e como ela nos auxilia a compreender o passado. Almeida reforça os pontos de Bittencourt e levanta questões como a dificuldade do vocabulário e a necessidade de adaptação quando necessária:

Adalberto Marson (1984) propõe que para que se faça uma análise do documento é necessário realizar uma série de indagações ao mesmo. Primeiro é importante entender sobre sua existência, e para isso precisa-se entender o que vem a ser documento? O que ele é capaz de dizer? Por que ele existe ou mesmo quem o fez? Quais eram as circunstâncias e qual a finalidade de sua produção? (ALMEIDA, 2015).

Com base nas ponderações de ambas as autoras e nas questões levantadas por Marson no trecho citado, busca-se auxiliar os alunos com um passo a passo em relação às fontes e melhorar sua interação em sala de aula com os colegas, gerando debates e discussões. O modelo da ficha de análise que será proposto procura abarcar as questões levantadas pelos três autores, constituindo um material de apoio ao professor, facilitando seu trabalho e permitindo-lhe dedicar mais tempo ao preparo e à avaliação das fontes que serão levadas à sala de aula.

COMO TRABALHAR A FONTE HISTÓRICA

O modelo da ficha de análise propõe-se a atingir três objetivos: oferecer apoio ao professor, incentivar o aluno a pesquisar sobre a fonte histórica trabalhada e promover a autonomia do discente ao seguir o passo a passo enquanto pode discutir com os colegas. Para tal fim, a ficha será dividida em sete pontos de análise para preenchimento.

A primeira parte consiste em um sistema de identificação da fonte, considerando seu tipo e subtipo, além de auxiliar o aluno na organização, caso o professor trabalhe com mais de uma fonte em aula. A segunda parte concentra-se na produção da fonte: ano, autor, destinatário ou público-alvo, levantando o contexto histórico de criação daquele item documental.

O terceiro e o quarto trechos são focados no trabalho do historiador, fazendo com que o aluno levante questões e pontos que lhe chamaram a atenção durante a leitura/observação da fonte histórica, porém já o guiando para o que deve ser lido com cuidado e atenção.

O quinto e o sexto pontos estão interligados, pois pensar nas especificidades de cada fonte pode suscitar questões como sua credibilidade e como ela se relaciona a outras fontes. Lembrar os alunos sobre os aspectos particulares de cada tipologia e como isso altera a percepção é importante para o debate em sala de aula.

A ficha encerra-se com a referência bibliográfica, indagando de qual local aquela fonte foi obtida — aspecto de grande importância devido às tecnologias atuais, em que ferramentas de I.A. (inteligência artificial) podem representar problemas, pois os alunos têm perdido o contato com a pesquisa em fontes primárias.

FICHA DE ANÁLISE DE FONTES HISTÓRICAS

A. IDENTIFICAÇÃO GERAL DA FONTE

- Código da Fonte: (Ex: F01, F02... ou um código pessoal para organização)

- Tipo de Fonte: (Oral / Escrita / Visual / Material)
- Subtipo:
 - *Se Escrita:* Jornal, Carta, Diário, Lei, Processo Judicial, Livro, Panfleto, etc.
 - *Se Oral:* Entrevista, Testemunho, Depoimento, Lenda.
 - *Se Visual:* Fotografia, Pintura, Charge, Cartaz, Filme, Mapa, Propaganda.
 - *Se Material:* Moeda, Vestuário, Ferramenta, Edifício, Fóssil, Objeto de uso pessoal.
- Título/Nome do Documento: *(Como a fonte é conhecida? Ex: "Carta de Pero Vaz de Caminha", "Fotografia da chegada da família ao aeroporto")*

B. CONTEXTUALIZAÇÃO MATERIAL (DADOS DE "NASCIMENTO")

- Data de Produção: (Quando foi feita? Data exata, aproximada ou período histórico).
- Local de Produção: (Onde foi criada? Cidade, país, região).
- Autor(es) / Emissor(es): (Quem a fez? Nome, grupo social, cargo, instituição - ou é anônimo?).
Importante: o autor pode ser um indivíduo, um grupo ou uma instituição (ex: "Governo Militar").
- Destinatário / Público-alvo: (Para quem era dirigida? Ex: "Para o Rei de Portugal", "Para os fiéis da igreja", "Para toda a população", "Para um amigo íntimo").

C. NATUREZA E OBJETIVO (O "PORQUÊ" DA FONTE)

- Intencionalidade / Primeiro Intuito: (Por que esta fonte foi criada? Qual era o objetivo de quem a produziu? Ex: Informar, vender um produto, educar, entreter, registrar um fato, agradecer a um santo, fazer uma denúncia, legitimar o poder).
- Suporte Material / Forma: (Em que meio físico ela chegou até nós? Ex: Papel, pergaminho, tela, película fotográfica, pedra, digital, fita cassete).
- Estado de Conservação: (Está completa, rasgada, borrada, com partes ilegíveis/inaudíveis/invisíveis?). Isso afeta a leitura que fazemos dela?

D. ANÁLISE DO CONTEÚDO (O QUE ELA DIZ E COMO DIZ)

- Resumo do Conteúdo Principal: (Descreva, com suas palavras, do que trata a fonte).
- Conceitos-Chave e Temas: (Quais são os temas centrais?).
- Linguagem e Discurso: (Como a mensagem é transmitida? Ex: é informal? possui vocabulário da época?).
- O que NÃO está dito? (Silêncios): *Análise crítica.* O que o autor omitiu? O que foi deixado de fora e que poderia ser importante para entender o contexto?

E. PONTOS DE ATENÇÃO PARA CADA TIPO DE FONTE (ESPECIFICIDADES)

- Se for ORAL (Entrevista/Depoimento):
 - *Memória:* O entrevistado tem idade/condição para lembrar bem dos fatos?
 - *Relação pesquisador-entrevistado:* Houve interferência ou direcionamento nas perguntas?
 - *Data da gravação:* (Quando a memória foi registrada? Muitos anos depois do fato?).
- Se for ESCRITA (Documento oficial/carta):

- *Gênero textual*: É narrativo, descritivo, argumentativo?
- *Caligrafia/Diagramação*: A caligrafia ou a forma como o texto está disposto na página diz algo sobre a época ou o autor?
- Se for VISUAL (Fotografia/Pintura/Filme):
 - *Enquadramento e seleção*: O que está no centro da imagem? O que está fora dela? (O fotógrafo/pintor escolheu o que mostrar).
 - *Técnica e cores*: A fotografia é colorida ou P&B? A pintura usa cores vibrantes ou sóbrias? Isso passa uma mensagem.
 - *Legenda/Contexto original*: Onde a imagem foi publicada?
- Se for MATERIAL
 - *Matéria-prima*: De que é feito? (Madeira, ferro, plástico, ouro). Isso indica disponibilidade de recursos e tecnologia.
 - *Função prática*: Para que servia fisicamente?
 - *Desgaste*: Tem marcas de uso? Está quebrado? Isso revela como era utilizado no cotidiano.

F. INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA (O QUE EU POSSO DIZER COM ELA)

- Contexto Histórico mais Amplo: (Que acontecimentos históricos (políticos, econômicos, sociais) estavam ocorrendo na época e se relacionam com esta fonte?).
- Confiabilidade e Limitações: (Esta fonte é confiável para o que quero provar? O autor tinha motivos para mentir, exagerar ou omitir?).
- Relação com outras fontes: (Ela confirma ou contradiz o que outras fontes dizem sobre o mesmo tema?).

G. REFERÊNCIA DO DOCUMENTO (Onde encontrei?)

- (Ex: *Arquivo Nacional, Fundo X, Caixa Y, Documento Z. Ou: Site do Museu, com link e data de acesso. Ou: Entrevista realizada com [Nome] em [Data]*).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo não está se propondo à realizar uma sequência didática, mas sim um material de apoio aos professores de História, tendo a ficha de análise como um guia para os alunos entenderem como funciona a profissão do historiador, além de permitir trabalhos onde os discentes podem trazer fontes para a escola e fazer a análise com os colegas.

Tendo também para o professor fazer adequações a ficha de análise para as suas turmas, possibilitando algo mais leve e superficial, pensando em apenas alguns pontos da fonte que são interessantes para serem debatidos em sala de aula ou até mesmo de acrescentar novas perguntas ou novas categorias de análise, podendo aumentar o escopo interpretativo dos alunos como quiser.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vivian Fernandes Carvalho de et al. Usos didáticos de documentos no ensino de história. In: **ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA**, 7., 2015, Maringá. Anais... Maringá: UEM, 2015. Disponível em: Anais do CIH UEM. Acesso em: 02 jul. 2026. [1]

BARROS, José Costa D'Assunção. Jacques Le Goff – considerações sobre contribuição para a teoria da história. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 14, n. 21, p. 135-156, 2013. Disponível em: Cadernos de História (PUC Minas). Acesso em: 2 jul. 2026

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez: 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: mec.gov.br

BRINCO, N. S.; CABRAL, M. A. da S. Ensino de História, aprendizagem significativa e a atuação do professor: desafios do tempo presente. **Revista História Hoje**, [S. l.], v. 9, n. 18, p. 55–76, 2020. DOI: 10.20949/rhhj.v9i18.689. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/689>. Acesso em: 2 jul. 2026.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.